



SEÇÃO: ENTREVISTA

Desafios e perspectivas contemporâneas da docência universitária: um diálogo com o professor António Nóvoa

Desafíos y perspectivas contemporáneas de la docencia universitaria: un diálogo con el profesor António Nóvoa

Challenges and Contemporary Perspectives of University Teaching: a dialogue with professor António Nóvoa

António Nóvoa¹, Pauliane Romano², Patrícia Nascimento Silva³, Brécia França Nonato⁴

RESUMO

Entrevista realizada com o professor António Nóvoa sobre os desafios contemporâneos da docência universitária. Em agosto de 2023, o professor Nóvoa esteve na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) para realizar uma Conferência e na ocasião concedeu entrevista às docentes membros da comissão editorial da Revista Docência do Ensino Superior (RDES), que integra a Diretoria de Inovação e Metodologias de Ensino (GIZ) da UFMG. A técnica de pesquisa utilizada foi a coleta direta por meio de uma entrevista. Na elaboração do instrumento foi considerada a produção do autor no âmbito da pedagogia universitária, além de questões relativas à formação de professores universitários, identidade profissional, articulação universidade-escola, tecnologias e desafios da docência universitária no século XXI. No diálogo com o professor, houve o privilégio de explorar suas contribuições enriquecedoras, desvendando como suas ideias têm contribuído para redefinir

¹ Universidade de Lisboa (ULisboa), Lisboa, Portugal.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-3171-1297>. E-mail: novoa@reitoria.ul.pt

² Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-9925-8540>. E-mail: paulianeromano@gmail.com

³ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-2405-8536>. E-mail: patricians@ufmg.br

⁴ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-6779-8278>. E-mail: brescianonato@ufmg.br

e fortalecer a formação de professores em contextos diversos. Ao evidenciar os desafios presentes no ensino superior, Nóvoa nos indica caminhos para fomentar uma educação superior pública, laica e gratuita, além de destacar a importância da liberdade e da inovação na construção dos processos pedagógicos junto aos estudantes e também na formação de professores.

Palavras-chave: pedagogia universitária; docência universitária; formação de professores; identidade profissional; articulação universidade-escola.

RESUMEN

Entrevista realizada con el profesor António Nóvoa sobre los desafíos contemporáneos de la docencia universitaria. En agosto de 2023, el profesor Nóvoa estuvo en la Universidad Federal de Minas Gerais (UFMG) para llevar a cabo una conferencia y, en la ocasión, concedió una entrevista a las docentes miembros de la comisión editorial de la Revista Docência no Ensino Superior (RDES), que forma parte de la Dirección de Innovación y Metodologías Docentes (GIZ) de la UFMG. La técnica de investigación utilizada fue la recolección directa a través de una entrevista. En la elaboración del cuestionario se tuvo en cuenta la producción del autor en el ámbito de la pedagogía universitaria, así como cuestiones relacionadas con la formación de profesores, identidad profesional, articulación universidad-escola, las tecnologías y los desafíos de la docencia universitaria en el siglo XXI. En el diálogo con el profesor, se tuvo el privilegio de explorar sus enriquecedoras contribuciones, desvelando cómo sus ideas han contribuido a redefinir y fortalecer la formación de profesores en diversos contextos. Al poner de manifiesto los desafíos presentes en la educación superior, Nóvoa nos señala caminos para fomentar una educación superior pública, laica y gratuita, además de destacar la importancia de la libertad y la innovación en la construcción de procesos pedagógicos junto a los estudiantes, y también en la formación de profesores.

Palabras clave: pedagogía universitaria; docencia universitaria; formación de profesores; identidad profesional; articulación universidad-escola.

ABSTRACT

Interview conducted with professor António Nóvoa on the contemporary challenges of university teaching. In August 2023, professor Nóvoa was at the Federal University of Minas Gerais (UFMG) to hold a conference and on the occasion granted an interview to the professors who are members of the editorial committee of the Revista Docência no Ensino Superior (RDES), that integrates the Directorate of Innovation and Teaching Methodologies (GIZ) at UFMG. The research technique used was a direct collection through an interview. When preparing the instrument, the author's production in the field of university pedagogy

was considered, in addition to issues relating to the training of university professors, professional identity, university-school articulation, technologies and challenges of university teaching in the 21st century. In dialogue with the professor, we had the privilege of exploring his enriching contributions, revealing how his ideas have contributed to redefine and strengthen teacher training in different contexts. By evidencing the present challenges in higher education, Nóvoa indicates ways to promote public, secular, and free higher education, in addition to highlighting the importance of freedom and innovation in the construction of two pedagogical processes with students and also in teacher training.

Keywords: university pedagogy; university teaching; teacher training; professional identity; university-school articulation.

APRESENTAÇÃO

A docência universitária e a formação de professores enfrenta desafios constantes há diversos anos. Para Nóvoa (1992), o papel das universidades, no domínio da formação de professores, é contestado, especialmente: por setores conservadores que continuam a desconfiar da formação de professores e que receiam a constituição de um corpo profissional prestigiado e autônomo; e por setores acadêmicos que sempre desvalorizaram a dimensão pedagógica da formação de professores e a sua componente profissional. Após 30 anos, essas resistências ainda estão presentes e são somadas às transformações sociais e tecnológicas do mundo contemporâneo.

No cenário educacional atual, a formação de professores desempenha um papel fundamental na construção de sociedades mais justas e progressivas. Nesse contexto, a trajetória acadêmica do renomado professor António Nóvoa se destaca por possibilitar caminhos inovadores e transformadores no campo da formação de professores. Suas ideias, pesquisa rigorosa e compromisso incansável com o aprimoramento do ensino têm influenciado de maneira marcante o desenvolvimento profissional dos professores, abrindo portas para novas perspectivas pedagógicas e influenciando as gerações presentes e futuras de docentes.

Em agosto de 2023, o professor Nóvoa esteve na Universidade Federal de Minas Gerais para realizar a *Conferência Futuros da Educação: Universidade e Escola* (Figura 1) e na ocasião concedeu entrevista a docentes que são membros da comissão editorial da Revista Docência do Ensino Superior (RDES), que integra a Diretoria de Inovação e Metodologia de Ensino (GIZ) da UFMG. Na entrevista buscou-se destacar as contribuições do professor Nóvoa, referência internacional em formação de professores, para ações relacionadas à pedagogia universitária, tendo como foco a necessária profissionalização do ensino de graduação.

Figura 1 – Conferência no auditório da Reitoria da UFMG



Fonte: UFMG (2023).

António Manuel Seixas Sampaio da Nóvoa, nascido em Valença em 12 de dezembro de 1954, é um conceituado professor universitário português. Ele possui doutorado em Ciências da Educação pela Universidade de Genebra, bem como em História Moderna e Contemporânea pela Universidade Paris-Sorbonne. Atualmente, ocupa a posição de professor catedrático no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, sendo também reitor honorário da mesma instituição. No Brasil, Nóvoa é Doutor Honoris Causa por várias universidades, o que ratifica seu mérito e suas significativas contribuições para as ciências da educação. Além disso, o professor António Nóvoa é autor de dezenas de obras em diversos países. Seus trabalhos de pesquisa e interesses acadêmicos estão centrados na educação, na educação comparada, nas políticas educacionais e na formação de professores.

Em sua mais recente obra *Professores: libertar o futuro* (NÓVOA, 2023), Nóvoa apresenta uma reflexão sobre os professores e a profissão docente, destaca a importância e o papel crucial que os professores desempenham na formação de cidadãos responsáveis para enfrentar os desafios do mundo moderno, bem como o compromisso da universidade, junto à escola básica, na formação de professores.

Nesta entrevista, além das discussões recentes abordadas em sua obra, foram formulados questionamentos que fomentaram reflexões acerca da pedagogia universitária, da formação de professores universitários, da identidade profissional, da articulação universidade-escola e das tecnologias e desafios da docência no século XXI.

A coleta de dados com documentação direta (entrevista) foi a técnica de pesquisa utilizada. Este instrumento foi elaborado pelas docentes, em reuniões de trabalho, com foco nas

produções de Nóvoa que abordavam a pedagogia universitária (NÓVOA, 2000, 2012, 2015), e em consonância com o escopo da RDES. Após uma conversa de alinhamento com o professor para a apresentação da entrevista (Figura 2), houve a opção pela entrega de uma primeira versão das respostas por e-mail, as quais foram analisadas pelas entrevistadoras, reencaminhadas ao professor para validação e submetidas para a comissão editorial do periódico.

Figura 2 – Entrevista com professor Nóvoa na Reitoria da UFMG



Fonte: arquivo pessoal (2023).

No diálogo com o professor, houve o privilégio de explorar suas contribuições enriquecedoras, desvendando como suas ideias têm contribuído para redefinir e fortalecer a formação de professores em contextos diversos. Na oportunidade, António Nóvoa destacou que seus escritos partem da realidade e das experiências vivenciadas na prática em interlocução com suas pesquisas. A seguir apresentamos o diálogo estabelecido com o professor Nóvoa.

ENTREVISTA

Professor Nóvoa, na obra *Professores: Libertar o futuro* você nos diz que a produção do conhecimento profissional docente é um gesto coletivo e aponta a formação mútua e cooperada como um gesto inerente a esse processo, destaca ainda os primeiros anos de docência como decisivos. Entendemos que essa consideração é válida tanto para a educação básica quanto para a educação superior. Contudo, avaliamos que na educação superior temos um desafio a mais, o do não reconhecimento de si – professor – como tal.

Assim, temos médicos que “ministram aula” na Faculdade de Medicina, engenheiros que “ministram aula” na Faculdade de Engenharia, promotores, procuradores e advogados que “ministram aula” na Faculdade de Direito... Quais seriam os caminhos para se consolidar o conhecimento profissional docente na educação superior? Como profissionalizar a docência universitária no que se refere ao ensino? Como constituir um processo de formação e socialização profissional que se atente para as especificidades das áreas?

Permitam-me recordar as palavras da Reitora da Universidade de Harvard, Drew Faust, na sua tomada de posse, a 12 de outubro de 2007: “Uma universidade não se define pelos resultados nos próximos vinte e cinco anos, nem sequer por aquilo em que um estudante se transforma graças ao diploma que obteve. Uma universidade define-se pela educação que molda toda uma vida, pela educação que transmite a herança da história, pela educação que dá forma ao futuro”.

Numa universidade cumprem-se muitas missões, mas sempre a partir da educação. Parece desnecessário dizer, mas é bom lembrar que os professores universitários são, primeiro que tudo, professores. É esta a sua identidade profissional. Não a podem ignorar ou desconhecer. O ensino é o coração da universidade.

A universidade é um lugar único, marcado pela relação intergeracional. Todos os anos chegam novos alunos, com as suas ideias, as suas expectativas (sempre diferentes), os seus projetos. Todos os anos partem os antigos alunos, que aqui viveram um período decisivo das suas histórias. Todos os anos a Universidade se cria e se recria, se faz e se refaz.

A pedagogia universitária distingue-se pela partilha, pela cooperação, por um trabalho que se faz em comum entre professores e estudantes. É um trabalho duro, difícil, exigente, que implica uma dimensão de risco e de descoberta, uma produção constante de sentidos. Aprender é um ato de criação pessoal, cultural e científica.

A melhor pedagogia universitária é aquela que fomenta o estudo e o trabalho dos alunos. Não se trata apenas de dar boas aulas, mas de conseguir construir, com os alunos, percursos sólidos de formação. A pedagogia é tudo menos facilitismo. É conseguir que os alunos trabalhem mais, e não menos, mas que o façam com sentido, emoção e curiosidade.

Para construir as melhores condições pedagógicas é fundamental que os professores assumam o seu lugar de docentes. Não se trata de diminuir outras dimensões universitárias, a começar pela pesquisa, mas de sublinhar a importância de reconhecer a centralidade da docência.

Depois, em função das suas áreas e das suas disposições, cada professor encontrará a melhor forma de exercer o seu magistério. Devemos recusar qualquer uniformização

didática ou metodológica. Não há dois professores iguais. Cada um tem de encontrar o seu próprio modo de ser professor.

Tendo em vista as transformações e constantes mudanças políticas, sociais, econômicas, ambientais e culturais do mundo contemporâneo, que refletem no comportamento humano e conseqüentemente nas relações de ensino e aprendizagem, quais competências culturais e sociais você considera essenciais para a formação inicial e continuada de professores da educação superior?

Uma universidade define-se, acima de tudo, pelo compromisso dos professores com o futuro dos seus estudantes. É esta a sua missão primeira. Para a cumprir, é preciso criar as melhores condições para uma “pedagogia do encontro”.

Na universidade, há uma tradição importante de valorização do encontro entre mestres e discípulos, como se percebe pela leitura de autobiografias e memórias diversas. Estamos perante um património essencial, constituído pelo exemplo de muitos professores com grande sensibilidade pedagógica e um sentido apurado de compromisso com os seus estudantes. Porém, é preciso reconhecer que estes mestres, notáveis no seu magistério, raramente inscreveram a questão pedagógica como tema de reflexão da sua própria vida universitária.

Nada será conseguido sem dar centralidade à missão docente na organização do trabalho universitário e da carreira académica, sem a compreensão de que podemos aprender a ensinar. Se acharmos que o nosso ensino decorrerá, “naturalmente”, da pesquisa e do conhecimento, estaremos a enganar-nos a nós próprios.

A competência mais importante é a criação de novos ambientes educativos, muito diferentes daqueles que, ainda hoje, predominam nas universidades. O “ambiente” não se define apenas numa dimensão espacial, mas também em dimensões temporais e relacionais. No ambiente dos anfiteatros é fácil “dar uma aula”, mas é difícil, ou mesmo impossível, estudar em grupo ou realizar atividades de pesquisa.

A criação destes ambientes é o caminho necessário para valorizar o estudo, a conversa informada, a partilha, a experiência de pesquisa, a descoberta, a co-construção do conhecimento, numa palavra, para valorizar a pedagogia do encontro e do trabalho conjunto.

Deixem-me voltar a Harvard, agora ao Diretor da Faculdade de Medicina: “É verdade que temos professores extraordinários, talvez os melhores do mundo, mas, ainda assim, sabemos que os nossos estudantes aprendem mais uns com os outros do que com os nossos professores”.

As universidades são uma extraordinária invenção intergeracional, e aqui reside grande parte do seu segredo. A transmissão do conhecimento entre gerações é fundamental. A relação pedagógica, humana, entre um mestre e um discípulo é insubstituível. Mas as universidades esqueceram-se da sua dimensão intrageracional, esqueceram-se do valor da cooperação entre pessoas de uma mesma geração.

A educação superior tem de atender a estas duas dimensões, inter e intra geracionais, organizando-se em torno do trabalho dos estudantes – trabalho que é assistir a aulas, mas é também, talvez mesmo sobretudo, estudar, investigar, resolver problemas, desenvolver projectos.

Aprender a inscrever o trabalho e o estudo no centro da vida académica é o elemento decisivo para a formação de um professor da educação superior. Somos pesquisadores e cientistas, mas a nossa maior distinção está nas possibilidades de futuro que abrimos aos nossos estudantes.

Nas suas obras é evidenciado que o bom professor é insubstituível, mas com o avanço da tecnologia a docência tem sido frequentemente questionada, colocada a prova. Recentemente o mundo se deparou com novos modelos e ferramentas de Inteligência Artificial que inicialmente despertaram muita curiosidade, e também incitaram discussões éticas, morais e sociais. Em sua opinião, como os futuros professores devem visualizar a inteligência artificial nas práticas de ensino?

A situação atual é extremamente perigosa para o futuro das universidades.

Por um lado, o digital pode transformar-se num novo Deus, e as tentações são grandes de tudo passar para meios remotos ou “à distância”, sobretudo devido à redução de custos. Há vários anos que empresas e fundações ligadas aos grandes gigantes do digital se preparam para esta transição.

Por outro lado, esta tendência pode conduzir as grandes universidades mundiais a decidirem avançar para campi virtuais, em todo o mundo, permitindo a muitos estudantes obterem diplomas de Harvard ou de Stanford sem nunca saírem dos seus países. Esta possibilidade, há muito discutida, pode ser precipitada pela crise atual do ensino superior.

Estamos num tempo de viragem, com grandes riscos para o futuro das universidades. No momento histórico que vivemos, as duas grandes tendências que atravessaram as universidades nas últimas décadas – o aumento exponencial do número de estudantes e o crescimento de uma “indústria global” do ensino superior – podem conduzir a soluções desastrosas para o futuro das universidades.

A universidade inteiramente digital, se vier a existir, será tudo menos universidade. Isto dito, a questão não é o digital, mas a forma como se enquadra, ou não, numa determinada concepção de universidade e de pedagogia.

As tecnologias fazem parte da cultura digital das sociedades contemporâneas. Seria impensável que ficassem fora da universidade e que não fossem utilizadas do ponto de vista pedagógico. São instrumentos essenciais para as aprendizagens, desde que corretamente usados por professores e alunos. Coisa bem diferente é imaginar que tudo se passará online, à distância, com os grandes gigantes do digital, os GAFAM (Google, Amazon, Facebook, Apple, Microsoft) a tomarem conta da educação, apoiados por grupos privados e fundações que, através de apostilas digitais, controlariam o ensino e as aprendizagens. Seria o fim da universidade.

Nenhum de nós sabe como vai ser o futuro e nem sequer vale a pena tentar adivinhar. Sempre que o tentamos, erramos. Mas sabemos que, dentro de poucas décadas, a maioria das profissões atuais irão desaparecer. E sabemos, também, que as profissões da “relação humana”, como o professorado, são as únicas impossíveis de serem substituídas pelas máquinas. É com esta convicção que devemos enfrentar os desafios e as incertezas do futuro.

A UNESCO acaba de publicar, este ano, o relatório *Global Education Monitoring 2023*, com o título *Technology in education: a tool on whose terms?*. É um documento muito importante no qual se fazem sérios avisos quanto ao uso do digital, de forma a não alimentar ilusões sobre a possibilidade das tecnologias suplantarem a conexão humana na qual se baseia a educação: “Para ajudarem nos processos de aprendizagem, as tecnologias digitais não podem ser vistas como um meio para substituir, mas antes para completar e aprofundar a interação frente a frente entre estudantes e professores”.

Em conferência proferida em 2012, o senhor apresentou duas situações de perigo que se referem a pedagogia Universitária o primeiro seria “manter uma separação artificial entre ensino e investigação, entre uma identidade como professor e uma identidade como investigador” e o segundo seria “ceder a uma pedagogia burocrática, legitimada por vezes com o Processo de Bolonha”. Nessa mesma conferência você destaca, dentre outros aspectos a importância de uma pedagogia fortemente baseada em práticas de colaboração que envolvem dentre outros aspectos o trabalho em equipe, a cooperação, o diálogo. No entanto, no âmbito da pesquisa e da produção científica, a reflexão sobre a prática, os relatos de experiência, mesmo que devidamente bem alicerçados teoricamente, não são valorizados. Gostaríamos que você comentasse um pouco sobre esses desafios.

No campo do ensino, podemos falar de Paul Ricoeur, de Edgar Morin, de George Steiner, de Michel Serres, mas também de Maxine Greene, de Martha Nussbaum, de Judith Butler ou de Nancy Cartwright. O que têm em comum estes autores? Para além de muitas diferenças,

juntam-se na crítica a uma formação universitária excessivamente especializada, compartimentada.

A necessidade de construir uma educação superior capaz de formar numa pluralidade de saberes, e de os reconstruir a partir de um ponto de vista não-disciplinar, não está só nos filósofos, mas igualmente nos cientistas. Já não nos basta o monodisciplinar, precisamos também do transdisciplinar.

Não nos podemos esquecer de interligar a investigação e o ensino, de valorizar a colaboração entre professores, promovendo a convergência, a ciência aberta, a ciência cidadã. Uma transição do cogito ao cogitamus, do “eu penso” para o “nós pensamos”, com bem nos explicou Bruno Latour.

A hiperespecialização, acentuada pelo hiperprodutivismo, tem de ser substituída pelo trabalho em torno dos “conhecimentos comuns”. Neste sentido, as métricas e métodos de avaliação das universidades e dos académicos devem ser mais diversificados e plurais, acolhendo e valorizando a diferença, tanto entre universidades como dentro de cada universidade.

É necessário fortalecer a universidade como lugar de participação, de cidadania. Se queremos construir uma humanidade comum, devemos ter instituições onde este “comum” possa ser produzido e reproduzido: trabalho em comum, vida em comum, diálogo, pluralidade de vozes... uma sociedade convivial. As universidades devem ser instituições da liberdade e da participação, nas quais se aprende a valorizar e a construir o comum. Servem para enriquecer a nossa vida pessoal, mas também a nossa vida coletiva. Cada um de nós depende da educação de todos.

É por isso que precisamos de conhecer bem o que se faz no mundo, de identificar e nomear as melhores experiências de educação e ensino e de lhes dar visibilidade para que possam inspirar outras iniciativas e projetos. A transformação das universidades não virá “de cima”, através de grandes planos ou programas, mas “de baixo”, a partir de um conhecimento e partilha do que já se faz em tantas instituições em todos os continentes.

Em 2010, Edgar Morin explicou, falando de uma outra relação dos seres humanos com o planeta, que há milhares de experiências extraordinárias no mundo, mas que não se conhecem umas às outras, não dialogam umas com as outras, e por isso não forma ainda capazes de dar origem a um movimento global de transformação. O mesmo se poderá dizer sobre a educação, e a educação superior. Precisamos de ir além de experiências isoladas, por mais significativas que sejam, e promover colaborativamente um movimento de transformação.

Na educação superior temos percebido pouco engajamento dos professores no que se refere ao desenvolvimento profissional para questões relativas ao ensino. Considerando que a educação superior, assim como a escola, deve ser um espaço de liberdade, e que há por parte dos professores responsabilidades individuais e coletivas para com a educação e bem-estar do estudante, quais seriam as características de uma pedagogia universitária e de núcleos voltados para o assessoramento pedagógico que vão ao encontro dessas premissas?

As melhores universidades do mundo, de Stanford a Cambridge, de Utrecht a Genebra, estão a dedicar uma atenção especial aos seus professores, através de programas de acolhimento, de indução e de formação, com iniciativas notáveis no campo da pedagogia universitária.

Não se trata, obviamente, de obrigar os professores a seguirem cursos de pedagogia ou de metodologia. Não se trata de uma questão técnica ou instrumental. Trata-se, isso sim, de instaurar uma reflexão (auto-reflexão e co-reflexão) dos professores sobre as suas práticas de ensino. Trata-se de criar espaços de debate, de diálogo e de partilha que permitam a cada um pensar no seu próprio trabalho docente.

Em 1935, Simone Weil respondeu por carta ao seu mestre, o filósofo Alain, que lhe havia perguntado a que projetos tencionava dedicar-se no futuro: “O que eu gostaria era de lançar um apelo a todos aqueles que sabem ou fazem efectivamente alguma coisa, e para os quais não chega saber ou fazer, e querem reflectir sobre o que sabem e sobre o que fazem”.

Esta vontade de Simone Weil traduz bem a minha ideia de pedagogia universitária: não basta sabermos ou darmos aulas, precisamos de refletir sobre aquilo que sabemos e sobre o trabalho que fazemos. Aprofundar esta reflexão, em conjunto com os nossos colegas, deve ser a prioridade dos núcleos pedagógicos de apoio ou assessoramento.

O que quero realçar é a necessidade de uma reflexão organizada sobre o que cada um sabe e faz no plano do ensino. Há uma espessura pedagógica nestes debates, que conduz à procura de modos diferentes de ensinar e à inscrição da relação entre professores e alunos como o centro da vida universitária. É a organização desta reflexão, nas suas diversas dimensões (ensino, aprendizagem, avaliação, etc.), que deve orientar o nosso esforço.

Isto dito, é preciso compreender que os professores universitários são diferentes uns dos outros: alguns preferem leccionar na graduação, outros na pós-graduação; alguns realizam-se mais no ensino, outros na pesquisa; alguns interessam-se mais pela gestão do que outros... Ao aplicarmos os mesmos critérios para editais, concursos e avaliações, empurramos os professores para perfis uniformes que empobrecem a universidade.

Falar de liberdade na universidade é também falar da liberdade de cada professor desenvolver a sua carreira de acordo com os seus tempos, ritmos e interesses. Não há dois professores iguais. Tudo avaliar, pela mesma bitola, é um erro que causa mal-estar e impede muitos professores de darem o melhor de si mesmos.

Finalmente, apesar de ser óbvio, é necessário assinalar que o debate pedagógico deve estar sempre articulado com os processos de garantia da qualidade, nomeadamente da qualidade do ensino e das aprendizagens. Neste aspecto, a participação dos estudantes é imprescindível. Não há nenhuma possibilidade de inscrever a pedagogia universitária como preocupação estratégica das instituições de educação superior se não for assegurada a presença, o envolvimento e o contributo dos estudantes.

Gostaríamos que compartilhasse sua perspectiva sobre o papel do professor e os principais desafios enfrentados por ele na docência universitária. Como o senhor enxerga a interação entre a formação, a atuação e o desenvolvimento profissional dos docentes universitários? Além disso, como a sua visão sobre a relação entre ensino, pesquisa e extensão se alinha no contexto da educação superior?

A partir de meados da década de 1990, impõe-se um insensato produtivismo académico. São reconhecidos e recompensados os “escritores de papers”, capazes do milagre da multiplicação dos artigos. Neste contexto, muitos se perguntam: para quê gastar tempo com o ensino ou com a dedicação aos estudantes? O desequilíbrio entre ensino e investigação está bem patente na forma como se organiza e se progride na carreira académica. É a principal doença das universidades do princípio do século XXI, desviando-as da sua missão nuclear, a educação superior das novas gerações.

Sem surpresa, nota-se nas últimas décadas um desinteresse dos professores pelo ensino e um investimento prioritário nas tarefas mais “nobres” e, sobretudo, mais recompensadoras da pesquisa e da publicação científica. Mas, nas universidades, estes dois mundos são indissociáveis. O que define a pesquisa universitária é a proximidade do ensino. O que define o ensino universitário é a proximidade da pesquisa. Quando cortamos esta ligação, enfraquecemos a universidade.

De um modo geral, os professores continuaram a dar as suas aulas da mesma maneira, ainda que, por vezes, se verifique um maior cuidado nos ciclos de pós-graduação. Algumas universidades e muitos professores procuram remar contra a maré, mas, no geral, assiste-se a uma desvalorização do ensino, particularmente no primeiro ciclo de estudos (graduação).

Há um imaginário que liga as “world-class universities” ou as “world-class research universities” à pesquisa e à ciência. E bem. Mas as grandes universidades distinguem-se pela

atenção ao ensino, pela forma como valorizam a pedagogia e o trabalho docente. É isso que as torna únicas.

Estranhamente, o mundo académico deixou-se enredar em métricas e indicadores, ditos de produtividade científica, que estão a destruir a vida universitária e tudo o que nela é diferente. Como se estivéssemos reféns de folhas de Excel, fechados na aritmética dos artigos, incapazes de produzirmos um juízo sobre a relevância e o mérito, e de valorizarmos caminhos diferentes, sem a pressa do tempo.

Nenhuma grande universidade do mundo se rende a este disparate, a estas métricas absurdas. Mas, nas periferias, grassa a admiração por instrumentos que poucos benefícios trazem e muitos prejuízos causam.

Hoje, mais do que nunca, a ciência é central nas nossas sociedades. É uma das poucas, talvez mesmo a única, linguagem comum que ainda nos resta. Na universidade, a ciência serve para pensar o que não se pode pensar noutros lugares, para proteger um trabalho que, muitas vezes, só mais tarde é entendido e valorizado, para arriscar, para alimentar a curiosidade, para abrir novas possibilidades, para libertar o futuro. Mas, nas universidades, a ciência está intrinsecamente ligada ao ensino e à extensão.

Estar na universidade é assumir um compromisso interno, com os estudantes, e um compromisso externo, com a sociedade. A universidade não se destina a prestar um serviço a clientes, que seriam os estudantes. A universidade destina-se a formar um público, a criar públicos. Falar em universidade é falar em universidade, a universidade da cidade, da *polis*, da responsabilidade pública. Hoje, as universidades têm de assumir os direitos humanos e os objectivos do desenvolvimento sustentável como o seu caminho e a sua matriz. E isso que as torna indispensáveis para o nosso futuro comum.

Professor Nóvoa, suas explanações são sempre instigantes, provocativas e desafiadoras. Considerando a crescente demanda por práticas pedagógicas inovadoras e adaptadas às diferentes realidades das salas de aula, quais são os mecanismos para fomentar a colaboração entre pares, no âmbito da universidade, de modo que os professores estejam preparados para inovar e enfrentar os desafios educacionais contemporâneos de maneira eficaz?

A existência de um ambiente de liberdade e de inovação é uma condição essencial para o trabalho de ensinar e de investigar. A experimentação e a descoberta são a base de uma atitude pedagógica e científica que só é possível num quadro de colaboração e de avaliação.

Hoje, talvez mais do que nunca, a pesquisa exige uma cultura colaborativa, a constituição de equipas formadas por pessoas com origens e diversos. A colaboração define-se também em

práticas pedagógicas que juntam, necessariamente, o gesto auto-reflexivo e o trabalho conjunto com os outros.

A educação superior é um processo de formação pessoal, de leitura, de conhecimento, de desenvolvimento. Precisa de tempo. Há um longo filme de mais de três horas, na Universidade de Vincennes, em 1975-1976, no qual Gilles Deleuze fala para dezenas de estudantes num ambiente caótico. Logo no início, explica que as condições do espaço mudam tudo, a começar pela própria natureza do trabalho: “Num anfiteatro, tenho de fazer um curso magistral. Se não o faço, aqui, é porque as condições desta sala me obrigam a agir de outro modo”.

Precisamos de um novo ambiente educativo. Já não se trata de dar aulas atrás de aulas, ainda que uma boa lição magistral, enquanto momento de síntese, constitua uma experiência insubstituível. Os nossos estudantes devem ser colocados num ambiente de estudo, de pesquisa, de trabalho coletivo. É esta a matriz de uma educação superior nos nossos dias.

Hoje, dentro das universidades, valoriza-se a excelência dos papers e desvaloriza-se o trabalho de formação. A pedagogia é empurrada para um lugar menor, irrelevante, um lugar do tédio e do aborrecimento, das coisas sem interesse face ao esplendor da ciência e da tecnologia, um lugar obsoleto, sem vida, sem ânimo. Se não equilibrarmos estas tendências, se não construirmos um ambiente institucional que valorize as diferentes dimensões universitárias, não conseguiremos investir as energias necessárias à renovação do gesto pedagógico.

A *lecture* (a lição, a aula) impôs-se num tempo em que os livros eram raros e competia ao professor resumi-los em forma de lições a dar aos estudantes. As sebatas, de tão má memória, representam o pior do “ensino livresco”. A vida universitária adaptou-se ao ritmo dos horários das aulas, com o estudo, a investigação e o trabalho sobre o conhecimento a serem remetidos para plano secundário.

Este mundo universitário já não faz sentido. Quer isto dizer que os livros e as *lectures* se tornaram obsoletos? Mil vezes não. Na educação, nada substitui a palavra do mestre. Mas temos de reconhecer a pobreza em que se transformaram os nossos anfiteatros e salas de aula. São lugares sem vida, afastados da curiosidade e da descoberta.

A revitalização da pedagogia exige um investimento intelectual idêntico ao que se faz na ciência e na pesquisa, exige a construção de novas práticas, a procura de novas maneiras de ensinar, um esforço para recuperar o entusiasmo perdido do gesto educativo.

Por vezes, entende-se erradamente a ligação entre o ensino e a pesquisa. Não se trata, obviamente, de considerar que um professor apenas deve ensinar aquilo que pesquisa.

Trata-se, isso sim, de compreender a importância da fertilização mútua entre o ensino e a investigação. Nesse sentido, quase poderíamos dizer, como provocação, que nunca podemos ensinar bem aquilo que já sabemos, mas apenas aquilo que ainda não sabemos. O que quer dizer esta estranha afirmação? Do mesmo modo que, na ciência, nunca podemos envolver-nos com intensidade na descoberta do que já sabemos, também no ensino precisamos de trabalhar com os estudantes naquilo que, num determinado momento, provoca a nossa curiosidade, o nosso entusiasmo. A pedagogia não é uma questão técnica, é a capacidade de entrar numa relação humana com os estudantes a partir do conhecimento e do trabalho conjunto sobre o conhecimento.

A demanda pela alta produtividade científica tem sido institucionalizada por agências governamentais, tornando-se um requisito para que professores universitários pleiteiem incentivos e financiamentos públicos para suas pesquisas. A partir da relação existente entre o ensino e a pesquisa, considerando a importância dessa articulação na construção do conhecimento, quais são os mecanismos para fomentar a colaboração entre pares, no âmbito da universidade, de modo que os professores estejam preparados para inovar e enfrentar os desafios educacionais contemporâneos de maneira eficaz?

A universidade tem de ser o lugar para pensar o que não é possível pensar noutros lugares. É esta a marca da sua distinção. E tem de ser, também, o lugar para dialogar com a vida das pessoas e a humanidade, bem como com os grandes temas da tecnologia e da sociedade. A universidade tem de alimentar o aparentemente “inútil” a fim de antecipar e abrir novas perspectivas, pelo pensamento e pela participação, pela ciência e pela tecnologia. É esta a sua principal responsabilidade pública.

A ciência é decisiva para a Agenda 2030, mas a pedagogia também. É preciso compreender que o ensino não tem lugar apenas “dentro de portas”, e estende-se por toda a cidade. A educação superior faz-se no conjunto dos espaços profissionais e sociais. No que diz respeito às profissões, todos compreendemos a impossibilidade de formar um médico ou um professor sem uma forte presença em hospitais ou em escolas. Mas é preciso, também, referir a necessidade de contactar e conhecer as populações e as diferentes realidades culturais e sociais.

Hoje, a ciência organiza-se em torno de grandes temas e problemáticas que exigem a colaboração de pesquisadores de áreas distintas. Hoje, o ensino faz-se a partir de uma lógica de colaboração entre professores e estudantes, mas também entre estudantes. Para que estas dinâmicas de colaboração sejam possíveis, é necessário criar novos ambientes universitários, tanto nos laboratórios como nas salas de aula.

Estes novos ambientes são intra-muros, dentro das universidades, mas também extra-muros, fora das universidades. A afirmação das universidades como bem público e comum é

central para dar sentido a uma colaboração que permita enfrentar os desafios do presente e do futuro.

No relatório da UNESCO sobre os futuros da educação, referem-se cinco conceitos, que são um desdobramento do conceito de “comum”: cooperação (na pedagogia), convergência (no currículo), colaboração (no professorado), convivialidade (nas escolas) e capilaridade (na sociedade). O que é válido para a educação básica é válido também para a educação superior. São estes os cinco gestos necessários para enfrentar os desafios do futuro presente, isto é, do futuro que já se faz presente nas nossas vidas.

Professor, diante de tantos desafios que abraçam a docência, sua formação, sua atuação e suas expectativas, o que é ser professor no século XXI?

Vivemos um tempo paradoxal. Todos reconhecem o “grande passado” e o “grande futuro” das universidades. Mas quantas vezes parece pequeno o nosso presente, marcado por dificuldades no financiamento, na autonomia e no dia-a-dia das instituições. Vivemos um tempo de mudanças profundas. Mais do que nunca precisamos de universidades com vistas largas.

A mudança é intrínseca à ideia de universidade, seja no interior da instituição, seja no modo como a vida académica e científica se projecta para fora da universidade. Se olharmos para os últimos cinquenta anos, facilmente verificamos o papel das universidades nas principais transformações da sociedade: as liberdades cívicas, o papel da mulher, a alteração dos costumes e dos modos de vida, as questões ambientais, as evoluções tecnológicas, as redes sociais, etc.

A obrigação maior das universidades é pensar e antecipar o futuro, colocar o conhecimento ao serviço de novas ideias e ideais. Têm a obrigação de estar à frente do seu tempo, de pensar o que não é pensável noutros espaços, de propor soluções de futuro para os problemas do presente.

As universidades já não são apenas universidades. A frase causa estranheza. Com ela, quero indicar que as universidades são, hoje, infinitamente mais do que lugares onde se frequentam aulas e cursos. São instituições que contêm uma enorme diversidade de missões e que, por isso mesmo, têm uma responsabilidade ainda maior do que tiveram ao longo da história. Pertence-lhes transformar o passado em futuro.

Apesar de todas as dúvidas, temos uma certeza: as universidades vão transformar-se profundamente nos próximos anos. Não é daqui a dez, quinze ou vinte anos. É hoje. Esta transformação exige ousadia e ambição, procurar novos caminhos, construir instituições diferentes. Foi isto que as universidades souberam fazer ao longo da sua história. É isto que devem fazer agora. Se não souberem arriscar, estarão a pôr a sua vida em risco.

Há três gestos que se esperam de um universitário: a lucidez, a coragem e a responsabilidade.

A lucidez perante um mundo desgovernado, desorientado face à desordem da informação, das notícias falsas, desprotegido face à invasão diária da nossa privacidade, em grande parte devido aos dados que nós próprios aceitamos ceder às redes digitais. Da universidade espera-se a lucidez do conhecimento e da razão, do pensamento crítico, a capacidade de dar sentido ao que parece, hoje, sem qualquer sentido.

A coragem da ação que, na universidade, inclui necessariamente a contemplação. Sem tempo para pensar, nenhuma ação é possível, apenas uma reação, uma resposta instantânea, irrefletida. Não podemos ceder nem à inércia nem à simples reação. Da universidade espera-se uma ação refletida, pensada, consequente.

A responsabilidade perante o tempo futuro e as gerações por vir. Hoje, muito mais do que no passado, as universidades são centrais na discussão dos grandes temas do século, a começar pela proteção do planeta Terra, pela compreensão das mudanças tecnológicas e pela defesa da vida humana. Da universidade espera-se a capacidade de se inscrever na cidade, de assumir uma responsabilidade cívica, sob pena de se tornar irrelevante.

Estes três gestos são necessários para enfrentar as mudanças profundas que estão a ter lugar no espaço universitário. Nada ficará como dantes. Esta é a nossa única certeza.

Professor Nóvoa, você gostaria de acrescentar algo antes de concluirmos esta entrevista?

Sim, gostaria de dizer que é preciso encontrar uma nova relação entre a universidade e a educação básica, sobretudo para uma mudança de fundo na formação de professores. Há muito venho falando de um “terceiro espaço” ou de uma “casa comum da formação e da profissão”. A minha reflexão é de grande simplicidade, talvez até simplista. As escolas, sozinhas, não são capazes de formar os professores. Por quê? Porque são espaços muitas vezes dominados pela rotina e com dificuldades de renovação e de inovação. As universidades, sozinhas, não são capazes de formar os professores. Por quê? Porque são espaços aos quais falta uma proximidade à profissão, ao trabalho escolar, à vida pedagógica.

Qual é a solução? Construir um “terceiro espaço”, de ligação entre as escolas e as universidades, mas que inclua também as entidades com responsabilidades educativas, a começar pelas entidades municipais e estaduais. Este “terceiro espaço” deve constituir-se como um novo arranjo institucional, isto é, ter autonomia e poder institucional próprio, no qual professores, universitários, pesquisadores, gestores e responsáveis municipais e estaduais tenham capacidade de deliberação.

A existência de um espaço deste tipo, não assegura, por si só, bons processos de formação de professores, mas induz fortemente uma dinâmica de colaboração e de cooperação que é essencial para pensar o futuro da formação docente. Há várias experiências deste género em todo o mundo. Vale a pena consultar, por exemplo, os textos de Ken Zeichner⁵. No dia em que as principais universidades brasileiras se juntarem em torno de uma proposta desse tipo, mobilizando as principais comunidades de professores e de pesquisadores, muito ativas e qualificadas, haverá uma mudança profunda no panorama da formação de professores. O Brasil precisa desse gesto das suas principais universidades públicas. É um compromisso que a atual geração de educadores, pedagogos e universitários têm de ser capaz de cumprir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao responder as questões indicadas, o professor António Nóvoa, expressa seu compromisso com a educação, com a formação de professores e com a escola pública de qualidade social. Destaca o compromisso da educação superior para com a formação das novas gerações, mas mostra também como essas gerações devem ser escutadas para incentivar a transformação e a constante atualização dos espaços de construção do conhecimento. Salienta que hoje temos (ou deveríamos ter) cada vez mais um trabalho multidisciplinar e que a aquisição de competências, como a do trabalho coletivo e colaborativo, são construídas em um processo que exige investimento intelectual.

Ao evidenciar os desafios presentes no ensino superior, o professor nos indica caminhos para a sustentação da educação superior pública, laica e gratuita. Ao mesmo tempo que destaca a importância da liberdade e da inovação na construção do processo pedagógico, ele expõe que a pedagogia universitária, as ciências da educação, o conhecimento didático muitas vezes são colocados em segundo plano no trabalho docente. Para que haja mudança, além do compromisso com o ensino por parte do docente, a valorização e o investimento no ensino e na formação de professores, pela via institucional, se tornam essenciais.

Outro ponto apresentado pelo professor Nóvoa e que merece ser retomado é a indispensabilidade da articulação entre educação superior e educação básica. Compreende-se que isso não se refere somente aos cursos de licenciaturas e a formação continuada de professores que atuam na educação básica, mas a toda rede de suporte e estrutura que a universidade tem condições de oferecer na articulação entre ensino, pesquisa e extensão.

⁵ Kenneth Zeichner é professor titular do Departamento de Currículo e Ensino da Universidade do Estado de Wisconsin, Madison, EUA, onde desenvolve trabalhos de pesquisa e ensino na área de formação docente, desenvolvimento profissional de professores e pesquisa-ação. Já orientou dezenas de teses e dissertações no campo da formação de educadores. Zeichner é autor de vários livros – muitos traduzidos para diferentes línguas, inclusive o português, capítulos de livros e artigos publicados em periódicos internacionais e dos Estados Unidos (fonte: <https://www.ufmg.br/ieat/visitas-internacionais/kenneth-zeichner/>).

REFERÊNCIAS

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António. *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4758/1/FPPD_A_Novoa.pdf. Acesso em: 07 set. 2023.

NÓVOA, António; FORESTI, Miriam Celí Pimentel Porto; PEREIRA, Maria Lúcia Toralles. Universidade e formação docente – Entrevista. *Revista: Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v. 4, n. 7, ago. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/GvJyMSqMSQQpjvnWcRrHkTQ/?lang=pt>. Acesso em: 07 set. 2023.

NÓVOA, António. Conferência proferida na abertura. In: VII CONGRESSO IBEROAMERICANO DE DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA – ENSINO SUPERIOR. 2012. *Anais [...]* Portugal, 2012. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5749665/mod_resource/content/1/pedagogia_universitaria_antonio_novoa.pdf. Acesso em 08/09/2023.

NÓVOA, António; AMANTE, Lúcia. Em busca da Liberdade. A pedagogia universitária do nosso tempo. *REDU – Revista de Docencia Universitaria*, v. 13, n. 1, jan./abr. 2015, p. 21-34. Disponível em: <https://polipapers.upv.es/index.php/REDU/article/view/6441/6506>. Acesso em: 07 set. 2023.

NÓVOA, António. *Professores: libertar o futuro*. São Paulo: Diálogos Embalados, 2023.

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). *Notícias*: António Nóvoa defende a escola como local de trabalho para os alunos. 2023. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/antonio-novoa-defende-a-escola-como-local-de-trabalho-para-os-alunos>. Acesso em: 07 set. 2023.

António Nóvoa

Doutor e graduado em Ciências da Educação pela Université de Geneve. Doutor em História Moderna e Contemporânea pela Universidade Paris-Sorbonne. Atualmente é professor titular no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Reitor honorário da mesma instituição. Doutor Honoris Causa por várias universidades brasileiras.

novoa@reitoria.ul.pt

Pauliane Romano Cirilo

Doutora e mestra em Educação pela UFMG. Graduada em Pedagogia também pela UFMG. Editora adjunta da Revista Docência do Ensino Superior, vinculada à Diretoria de Inovação e

Desafios e perspectivas contemporâneas da docência universitária: um diálogo com o professor António Nóvoa

António Nóvoa, Pauliane Romano, Patrícia Nascimento Silva, Bréscia França Nonato

Metodologia de Ensino (GIZ/Prograd/UFMG). Professora em cursos de graduação, pós-graduação e orientadora de Trabalho de Conclusão de Curso. Pesquisadora nas áreas da educação superior, trabalho docente, formação de professores, com interesse nas áreas de metodologias de ensino, planejamento e avaliação, produção do conhecimento, comunicação e divulgação científica.

paulianeromano@gmail.com

Patrícia Nascimento Silva

Doutora em Gestão e Organização do Conhecimento pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG, 2018). Graduada em Sistemas de Informação pela PUC Minas. Editora-chefe da Revista *Docência do Ensino Superior*, vinculada à Diretoria de Inovação e Metodologia de Ensino (GIZ/Prograd/UFMG). Professora adjunta no Departamento de Organização e Tratamento da Informação da UFMG. Pesquisadora na área de Ciência da Informação e Sistemas de Informação atuando nas seguintes temáticas: organização e tratamento da informação, recuperação de informação, engenharia de software, acesso, uso e reúso de dados abertos e privacidade e proteção de dados.

patricians@ufmg.br

Bréscia França Nonato

Doutora e mestra em Educação pela UFMG. Graduada em Pedagogia também pela mesma universidade. Editora associada da Revista *Docência do Ensino Superior*, vinculada à Diretoria de Inovação e Metodologia de Ensino (GIZ/Prograd/UFMG). Professora adjunta da Faculdade de Educação da UFMG, leciona para os cursos de licenciatura da UFMG. Pesquisa sobre sociologia do ensino superior, desigualdades educacionais, ações afirmativas, formação e condição docente, juventudes e escolarização.

brescianonato@ufmg.br

Como citar este documento – ABNT

NÓVOA, António; ROMANO, Pauliane; NASCIMENTO SILVA, Patrícia; NONATO, Bréscia França. Desafios e perspectivas contemporâneas da docência universitária: um diálogo com o professor António Nóvoa. *Revista Docência do Ensino Superior*, Belo Horizonte, v. 13, e048009, p. 1-20, 2023. DOI: <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.48009>.